ÁREA TEMÁTICA: DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA

A RELAÇÃO ENTRE O CONSUMO DE BEBIDA ALCOÓLICA E A VIOLÊNCIA PARA OS PRESTADORES DE SERVIÇO COMUNITÁRIO DO PROGRAMA PRÓ-EGRESSO

Apresentador[1]: MORO, Silvana Mayer
Apresentador[2]: QUIMELLI, Gisele Alves de Sá
Autor[3]: MORO, Silvana Mayer
Autor[4]: QUIMELLI, Gisele Alves de Sá

RESUMO – Nesta pesquisa buscamos compreender a relação existente entre o consumo de álcool e o desenvolvimento da violência através de diversos crimes nos quais estão envolvidos os prestadores de serviço comunitário do Programa Pró–Egresso de Ponta Grossa/PR. Objetivamos entender o caminho percorrido pela violência através das civilizações, conhecendo os tipos de violência e alguns de seus de determinantes. Buscamos ainda conceituar o alcoolismo, sua trajetória de consumo ao longo dos anos, identificando os tipos de bebedores e as alterações que o consumo de bebida alcoólica provoca no ser humano. Possibilitou-nos a verificação da relação entre o consumo de bebida e a violência a partir dos casos identificados no Programa Pró-Egresso, ao analisarmos a compreensão que os usuários tem sobre tal relação. A pesquisa esteve pautada e fundamentada no posicionamento de diversos autores que discutem esta temática, tais como: Arendt (1994), Fortes (1991), Mariano (1999), Masur (1991), Rehfeldt (1989), Laranjeira (2005), Edwards (1987) e outros autores consultados com o objetivo de enriquecimento e elucidação das categorias levantadas. Na metodologia empregada iniciamos com o estudo documental e revisão bibliográfica, em seguida utilizamos a entrevista semi-estruturada, direcionada aos sujeitos selecionados. Para a análise do material empírico nos referenciamos no Método Hermenêutico - Dialético de Minayo (apud GOMES, 2001).

PALAVRAS CHAVE – alcoolismo, violência, Programa Pró-Egresso

Introdução

O interesse por pesquisar a relação existente entre o consumo de bebida alcoólica e a violência se desenvolveu ao longo dos últimos quatro anos, ao observar o comportamento das pessoas de diversos segmentos da sociedade, em relação ao consumo de álcool. Esta observação se fortaleceu a partir da vida acadêmica, dentro do curso de Serviço Social na UEPG. Com as leituras teóricas proporcionadas pelo curso aprofundamos a constatação de que há vários tipos de consumidores que vão, desde os consumidores de bebidas alcoólicas que fazem uso de forma eventual, chegando aos alcoolistas que estão em alto grau de dependência.

Nossa reflexão, se detém, nos consumidores eventuais de bebidas alcoólicas, ditos como bebedores sociais. Este segmento tem por hábito, tratar a bebida como um paliativo para suas dificuldades do cotidiano, devido aos seus efeitos relaxantes e desinibidores, sem levar em conta o processo de dependência que estão desenvolvendo, bem como os acidentes a que estão sujeitos.

Iniciando a atuação no campo de estágio Programa Pró-Egresso, localizado na cidade de Ponta Grossa no Paraná, tivemos contato com vários prestadores de serviços comunitários, que se apresentavam para iniciar as atividades. Na abordagem para preenchimento do cadastro sócio econômico, se referiam ao uso da bebida alcoólica como uma prática normal, e quando indagados sobre a ingestão da bebida momentos anteriores ao delito, uma grande quantidade, confirmava tal fato.

[1] Acadêmica do 4º ano do Curso de Serviço Social UEPG, silvanammoro@hotmail.com.
[2] Professora Doutora, Pró-reitora da Proex, gquimelli@yahoo.com.br.

Percebemos que dentre os prestadores atendidos em caráter inicial, e os que estavam em atividade, encontrava-se uma grande parcela de sentenciados por motivos relacionados à violência, das mais variadas formas. Sendo assim propomos um aprofundamento nesta temática, conforme os objetivos descritos a seguir.

Objetivos

Geral: compreender se há relação entre o consumo de bebida alcoólica e a violência, para os prestadores de serviço comunitário do Programa Pró-Egresso de Ponta grossa/ PR.

Específicos: Descrever a trajetória da violência ao longo dos anos identificando os tipos de violência existentes na sociedade, utilizando literatura específica; Conceituar a violência na atualidade e apontar principais determinantes; Identificar as formas de consumo, tipos de bebedores e efeitos provocados pela ingestão da bebida alcoólica; Identificar se o consumo de bebida alcoólica é considerado como desencadeador de violência através das falas dos sujeitos entrevistados; Verificar se há de fato relação entre a violência e o consumo de bebida alcoólica para os sujeitos entrevistados;

Metodologia

Neste estudo, utilizamos inicialmente a pesquisa em fontes bibliográficas, através da busca por documentos que tratassem da temática de forma explicativa e elucidativa, com cunho científico. Conforme Severino (1996, p. 77), “tratando-se de trabalhos no âmbito da reflexão teórica, tais documentos são basicamente textos: livros, artigos etc”.

Todo o conhecimento armazenado através destas leituras serviu-nos de ferramentas para a elaboração do estudo, para a análise do objeto proposto e apoiou a base teórica que referendou o trabalho. Assim Luna (1999, p. 83), descreve que: “Uma revisão teórica, em geral, tem o objetivo de circunscrever um dado problema de pesquisa dentro de um quadro de referência teórico que pretende explicá-lo”.

No bojo do trabalho nos utilizamos também da pesquisa documental, pois a escolha dos sujeitos aconteceu a partir de dados já existentes nos registros dos cadastros realizados, no dia da primeira apresentação do prestador de serviço comunitário no Programa Pró-Egresso. Inicialmente destinamos a busca aos sujeitos delimitando aqueles que estivessem vinculados ao Programa Pró-Egresso através do benefício de prestação de serviços a comunidade e que tivessem cometido delitos violentos sob o efeito da ingestão de bebida alcoólica. A entrevista individual com os sujeitos teve a finalidade de obter as informações relacionadas ao tema do trabalho. Segundo Cruz Neto (2001, p. 57), a entrevista “não significa uma conversa despretensiosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta de fatos relatados pelos atores, [...]”. Para cumprirmos esta etapa nos utilizamos da entrevista semi-estruturada. Nossa análise buscou fazer a interpretação qualitativa dos dados obtidos, para tanto utilizamos o método hermenêutico dialético, proposto por Minayo (1992) citado por Gomes (2001).

Resultados

Ao nos aprofundarmos no estudo da temática violência observamos que ela pode estar presente no ser humano na forma intrínseca e fazer parte do temperamento do indivíduo. As influências do meio externo onde este indivíduo é criado são capazes de despertá-la. Sendo assim fica evidente que a violência norteou o andamento da história humana e se manifestou em diferentes culturas, perpassando todas as épocas, acompanhando o homem em todo seu desenvolvimento. No Brasil a violência tem sua caminhada desde o seu descobrimento, perpassando o desenvolvimento da república, do capitalismo, do autoritarismo, até chegar à situações mais atuais onde a violência se manifesta através da má distribuição de renda, dos processos excludentes de modernização, que favorecem o crescimento da criminalidade e conseqüentemente perpetuam a violência em nosso país.

Com base na legislação brasileira constatamos que, são várias as formas de violência praticadas. Identificamos a violência física, a violência psicológica, violência sexual, violência patrimonial, violência moral, as quais se apresentam descritas na Lei Maria da Penha, Lei número 11.340/06 - em seu artigo 7º. Além destas, verificamos a presença da violência policial como parte do desenvolvimento da violência urbana. Maldonado (2004) afirma que os determinantes da violência estão ligados a fragilidade das condições básicas de vida das classes menos favorecidas, o que

nomina como violência estrutural, confirmando que a agressividade pode ser desenvolvida no ser humano a partir da precariedade do meio em que vive.

No desenvolvimento deste trabalho compreendemos que assim como a violência o consumo do álcool tem feito parte da cultura do homem. Segundo Fortes (1991) através de técnicas de fermentação de frutas e cereais, produzem bebidas com teor alcoólico desde 8.000 a.C., e as consumiam em rituais religiosos e festas pagãs. Cascudo (1967) informa que no Brasil, antes mesmo da chegada dos portugueses os índios consumiam um preparado de nome *Caium* com o qual se embriagavam e com a chegada dos portugueses tiveram contato com os destilados. Depois com o desenvolvimento da cultura da cana de açúcar, experimentaram a cachaça, aguardente destilada do mel do açúcar. Quanto à cerveja, esta somente adentrou ao cenário brasileiro, a partir de 1808, importada de vários países, tais como Alemanha, Holanda, Dinamarca, Inglaterra e Noruega. Segundo Cascudo (1983), os mercados mais receptivos foram o Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Recife, sendo a preferência dos brasileiros a cerveja forte.

A relação entre a bebida alcoólica e a violência é evidente para alguns autores, pois um dos comportamentos que resulta da ingestão da bebida alcoólica é o aumento da agressividade, como nos aponta Losovski (1998, p. 78) “Doses de álcool, de baixas a moderadas, também aumentam a incidência de uma variedade de atos agressivos, inclusive abusos contra o cônjuge e os filhos.”. Sobre este mesmo aspecto Laranjeira, Dualibi e Pinski (2005, p.176) nos alertam:

> As relações são múltiplas e variadas, mas o consumo de álcool é no mínimo, um importante facilitador das situações de violência. Não faltam evidências científicas de sua participação nos homicídios, suicídios, violência doméstica, crimes sexuais, atropelamentos e acidentes envolvendo motoristas alcoolizados.

Portanto, analisamos o caso do sujeito P1 cujo delito foi atropelamento seguido de morte. Percebemos que durante toda a sua fala apresenta justificativas para não considerar a bebida como um fator significativo na ocorrência, sua descrição do delito é carregada de naturalidade e em vários momentos da entrevista o sujeito P1 apresenta elementos que mostram a violência com que ocorreu o delito. A velocidade média de 70 Km/h, em perímetro urbano é altíssima. Ao afirmar que seu carro era velho, também podemos entender que um veículo antigo nem sempre está com a manutenção dos freios em dia o que poderia dificultar a rápida frenagem. Outro aspecto foi a ingestão de álcool de diferentes tipos durante toda a tarde de domingo, apesar do sujeito negar o fato da influência que isto poderia ter ocasionado ao acidente. O sujeito usa o termo *“bordoada”* para descrever o momento do choque. Este termo é comumente utilizado para caracterizar uma batida forte com alto grau de violência. A descrição do dicionário Aurélio é de “pancada com bordão e cacetada” o que associa a utilização de algum instrumento para realizar o ataque. O impacto fez com que a garota fosse lançada a uns quatro metros, o quê para o sujeito pareceu pouco. Mas ao analisarmos sua fala percebemos que descreve o acidente dizendo que ela bateu no pára-choque, depois no pára-brisas sendo que ainda sobrou força para que fosse lançada a quatro metros do carro. Entendemos assim que o impacto foi muito grande e pela descrição do próprio sujeito ela morreu na hora conforme a fala: *“[...] Na hora que eu bati ela já acabou...”. (P1)*

Em relação a fala do sujeito P2, destacamos uma frase que relata a violência do crime, *“derrubou o senhor”.* Porém quando ele afirma que estava *“com a mão limpa”* quer mostrar que assaltaram sem usar arma de fogo ou arma branca. O simples fato de tomar uma pessoa de assalto, tentando levar o que ela tem de valor, já caracteriza uma violência, pois invade a privacidade da pessoa, tirando-lhe o que pode ter sido conquistado com seu trabalho e a liberdade de ir e vir.

Zaluar (2002, p. 78) nos mostra que numa situação de violência como esta há: “O prazer do triunfo sobre o outro, o orgulho pela destruição do outro, o júbilo de ser o senhor da vida e da morte.” Então o fato de não se utilizarem de alguma arma apenas abranda a pena, mas não descaracteriza o crime como violento, pois certamente houve a utilização da força física como substituta da arma. Neste caso a abordagem da vítima foi feita por duas pessoas o que ainda dificultou a sua defesa. Laranjeira, Dualibi e Pinski (2005, p. 176) revela que:

> Estatísticas internacionais apontam que em cerca de 15% a 66% de todos os homicídios e agressões sérias, o agressor, vítima, ou ambos tinham ingerido bebidas alcoólicas.

A influência do álcool na situação vivenciada por P2 se mostra como uma das justificativas para o crime uma vez que alega: *“A gente já estava na bebida e não pensou”.* O “não pensar”

significa dizer que cometeram o assalto sem medir previamente as conseqüências. Até mesmo porque um assalto sem uso de armas poderia não ser bem sucedido caso o oponente resistisse e vencesse o duelo. O fato é que a bebida não permitiu reconhecer o perigo eminente como Arendt (1994, p. 37) alerta:

> Os implementos da violência, como todas as outras ferramentas, são planejados e usados com o propósito de multiplicar o vigor natural até que, em seu último estágio de desenvolvimento, possam substituí-lo.

A outra justificativa encontrada para ter cometido o assalto está em apresentar o amigo como responsável pela influência negativa e alega: *"Eu acho que não fico mais violento. Mais depende, depende da companhia que a gente está. A gente vai segui essa pessoa, se a gente está com outra pessoa violenta você vai ficar violento também". (P2)*

A ingestão de bebida alcoólica pode ter desencadeado as atitudes violentas deste sujeito conforme afirma Vespucci e Vespucci (2000, p. 93):

> O álcool é uma droga depressora e as doses iniciais anestesiam os mecanismos de censura. O surgimento da agressividade relaciona-se com a personalidade básica de cada um. Pessoas que guardam algum grau de violência latente, quando sóbrias, sob efeito do álcool têm essa característica da personalidade liberada. A censura relaxa, emerge a agressividade.

No caso do sujeito P3 percebemos a violência patrimonial que é a capacidade do indivíduo de tomar ou como neste caso, tentar tomar uma propriedade alheia a força. Neste caso, o fato de estar embriagado como ele relata o deixou mais solto, não se importando com o fato de cometer um crime, apesar de dizer *"eu nunca fiz isso".* Edwards (1987, p. 94) nos explica que:

> Pessoas com graves problemas de bebida são muito predispostas a acidentes, e episódios particularmente desagradáveis ocorrem em decorrência da perturbação da atenção e dos reflexos de autoproteção.

Neste sentido também podemos observar o caso do sujeito P4 cujo delito foi acidente de trânsito com morte de um passageiro que ocupava o banco de trás do veículo e era um senhor de idade. O sujeito P4 não sabe precisar se o mesmo estava utilizando o cinto de segurança, e afirma que ele e o outro passageiro, não sofreram nenhum arranhão. Como justificativa para que houvesse a capotagem o sujeito apresenta a curva dizendo: *"É... esse lugarzinho lá, essa curva, o que já teve de acidente ali... várias vidas já foram lá". (P4)*

Se o sujeito P4 estivesse abstinente poderia lembrar-se desta informação e tomá-la como alerta ao perigo. Poderia reduzir a velocidade, ou quem sabe até ter enxergado corretamente a faixa contínua da curva se mantendo em sua pista. Em sua tentativa de auto-defesa descreve a neblina no horário noturno como um atrapalho à sua visão. Quando fala *"a gente passou fora da pista"* quer dizer que invadiu a pista no sentido contrário ao seu, vindo a chocar-se com outro veículo que estava em movimento. Certamente os efeitos do consumo de bebida alcoólica colaboraram para que acontecesse o acidente, e os fatores acima denotam a violência com que ele ocorreu.

O crime cometido pelo sujeito P5 foi furto e roubo, mas ao relatar o delito ele dá uma outra versão do crime. Sendo assim não pudemos analisar sua fala, pois não soubemos precisar através da entrevista e dos documentos o que realmente ocorreu. O fato é que a bebida alcoólica esteve presente, o que para Vespucci e Vespucci (2000, p. 36) se traduz da seguinte forma:

> O alcoólatra se embriaga com maior freqüência do que os outros bebedores, também com maior freqüência se vê exposto às conseqüências criminais que o álcool enseja.

Como no caso deste nosso último sujeito entrevistado, P6 nos relata o delito descrevendo uma briga que ocorreu no Terminal Rodoviário Urbano, e envolveu um cobrador de ônibus e um fiscal da empresa de transporte, os quais supostamente não suportaram a algazarra promovida por dois passageiros alcoolizados e imediatamente chamaram a polícia para exercer a autoridade necessária capaz de cessar a discussão. O sujeito P6 agiu em defesa do filho que segundo ele estava *"mais passado".* Isto é, havia ingerido mais bebida do que ele e os amigos.

Verificamos que violência não está explícita, em decorrência da fala do sujeito, mas pela observação da conduta do jovem em relação aos profissionais da empresa de transporte que evidencia um desequilíbrio emocional certamente provocado pela bebida.

Outra questão pertinente observada neste caso é a conduta dos policiais. Após o incidente a polícia conduziu o sujeito e seu filho até o módulo policial e deixou-os ao ar livre, no frio, desde as nove horas da noite até as três horas da madrugada, enquanto elaboravam o boletim de ocorrência. O fato de não haver violência física explícita por parte dos policiais, não amenizou a opinião do sujeito P6 que reclamou: *"Eles até foram, como diz o causo, malvado com nós",* demonstrando sua indignação com a conduta policial, que em nenhum momento aceitou seus argumentos, e ainda deixou que ficassem fora do módulo, numa situação vexatória, expostos aos olhares de curiosos e sofrendo com o frio da madrugada. Num sentido mais amplo do tratamento dado aos criminosos pela polícia, Adorno (1995, p. 185) alerta:

> A polícia, vista como uma agência, em geral, incompetente quanto à criminalidade, é, sobretudo, violenta, e na verdade recrudesce o circuito da violência, ao tratar os delinqüentes com violência à qual estes respondem com maior violência, o que significa crescente envolvimento no circuito sem fim da criminalidade.

A polícia exerce seu papel de mantenedor da ordem, estando sujeita a julgamentos por parte da população atendida, a qual nem sempre vai estar de conformidade com seus atos no desempenho de suas atribuições, pois a polícia por vezes faz uso abusivo de sua força. Percebemos então que a violência está sempre presente nos delitos. Quando não está explícita nas falas dos sujeitos, ela pode ser percebida ao verificarmos as sutilezas contidas nas descrições dos delitos. A compreensão reduzida por parte dos sujeitos sobre: "o que é a violência" é um dos fatores contributivos para a continuidade da criminalidade por efeito do uso de álcool. Aranha (1997) afirma que nos acostumarmos a violência, pois no início nos comovemos com a dor provocada pelos atos violentos, porém com o passar do tempo nos acomodamos e deixamos de nos emocionar. Aranha (1997, p. 33, grifo do autor) ainda nos alerta:

> O hábito se torna um perigo quando, diante da violência cada vez mais corriqueira, nos faz perder a capacidade de indignação. Esse processo de entorpecimento é também uma forma de *banalização da violência.*

Conclusões

Concluímos que de fato os sujeitos entrevistados entendem que há, não apenas uma, mas várias relações entre o consumo de bebida alcoólica e a violência dos delitos. Uma delas é o reflexo causado pelo consumo abusivo de bebida alcoólica sobre o acontecimento narrado por eles. Em alguns casos os sujeitos entrevistados sentiram-se motivados e encorajados a cometer o delito devido ao efeito da bebida alcoólica. Nestes casos passaram a ser agentes da violência, pois a bebida alcoólica exacerbou o sentimento de coragem, reduzindo o medo e a compreensão do risco, proporcionando uma exposição maior ao perigo para cometer o furto e o roubo. O aumento do sentimento machista, efeito da ingestão de bebida alcoólica fica evidente e é apresentado como um desencadeador de conflitos nos delitos de briga e agressão. Houve casos onde os sujeitos sentiram-se debilitados fisicamente pelo álcool, e tiveram a visão enfraquecida, expondo pessoas inocentes à violência de acidentes, como foi um dos acidentes de trânsito, com vítima fatal.

Observamos que há uma relação de "afeto" com a bebida alcoólica, pois mesmo depois de afirmarem que os efeitos de seu consumo são maléficos para suas vidas, e para a vida de outrem eles continuam a beber. Infelizmente o delito não representa uma motivação para interromperem o hábito de consumir bebida alcoólica, persistindo a possibilidade de ocorrências violentas após o uso do álcool.

Referências:

ADORNO, S. Violência, Ficção e Realidade. In: **Sujeito, o lado oculto do receptor**. SOUSA M. W. (Org.). São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 181-188.

ARANHA. M. L. A. Violência e cidadania. In: KUPSTAS, M. (Org.) **Violência em debate.** 2. ed. São Paulo: Editora Moderna, 1997. p. 21-37.

ARENDT, H. **Sobre a violência**. Tradução de André Duarte. 3. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumarã, 1994.

CASCUDO, L. C. **Folclore do Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1967.

CASCUDO, L. C. **História da alimentação no Brasil.** São Paulo, 1983.

CRUZ NETO , O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: Minayo (Org.) **Pesquisa Social: Teoria e método e criatividade**, 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

EDWARDS, G. **O tratamento do alcoolismo**. Tradução de José Manoel Bertolote. 1. ed. São Paulo: Martins fontes, 1987.

FORTES, J. R. A.; CARDO, W. N. **Diagnóstico e tratamento**. s/ed. São Paulo: Sarvier, 1991.

GOMES, R. **A análise de dados em pesquisa qualitativa.** In: MINAYO, M. (Org.) **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 19 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

LARANJEIRA, R.; DUAILIBI, S. M.; PINSKI, I. **Álcool e violência:** a psiquiatria e a saúde pública. São Paulo, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbp/v27n3/a04v27n3.pdf. Acesso em: 06 de mai. 2009.

LOSOVSKI , E. Alcoolismo**.** In: LOSOVSKI, E. (Org.) **Plantão Médico: drogas, alcoolismo e tabagismo.** Rio de Janeiro: Biologia e Saúde**.** 1998. p.59-68.

LUNA, S. V. **Planejamento de Pesquisa**: uma introdução. São Paulo: EDUC, 1999.

MALDONADO, M. T. **Os construtores da paz:** Caminhos da prevenção da violência. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.

REHFELDT, K. H.G. **Álcool e trabalho**: Prevenção e administração do alcoolismo na empresa. São Paulo: EPU,1989.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 20. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

VESPUCCI, E., VESPUCCI, R. Alcoolismo**:** o livro das respostas: esclarecendo dúvidas fundamentais. São Paulo: Casa Amarela, 2000.

ZALUAR, A. Violência: questão social ou institucional? In: OLIVEIRA, N. V. (Org.) **Insegurança pública:** reflexões sobre a criminalidade e a violência urbana. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.